

**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia**

MASRA DE ABREU DE ANDRADE

**PERFIL DO USO DO TEMPO: AS DIFERENÇAS NO USO DO TEMPO ENTRE
HOMENS E MULHERES.**

**BRASÍLIA
2012**

MASRA DE ABREU DE ANDRADE

**PERFIL DO USO DO TEMPO: AS DIFERENÇAS NO USO DO TEMPO ENTRE
HOMENS E MULHERES.**

**Monografia apresentada ao Departamento de
Sociologia da Universidade de Brasília, como
requisito parcial para obtenção de grau de
bacharel em Sociologia, sob orientação do
Professor Marcelo Medeiros.**

**BRASÍLIA
2012**

MASRA DE ABREU DE ANDRADE

BANCA EXAMINADORA

Marcelo Medeiros – Orientador _____

Luana Pinheiro – Banca _____

À minha mãe, que sempre está comigo.

AGRADECIMENTOS

Conclui essa etapa educacional é reponsabilidade de muitas pessoas que estão comigo e sempre me apoiaram. Inicialmente, agradeço à minha mãe, que além de me dar todo o suporte, nunca desistiu e sempre tem muita paciência e amor comigo. Esse trabalho não existira sem a persistência dela em me deixar escolher os caminhos a serem percorridos.

Essa monografia também é fruto de uma formação profissional que me permitiu entrar em contato com toda a literatura das pesquisas de gênero, mas muito além disso, pessoas que me ensinaram e me instruíram muito sobre essa linha de pesquisa. Agradeço toda equipe da Secretaria Especial de Política para as Mulheres, em especial, a Luana, Fábria, Graça, Gabi, Nina, Marcela, Mari e a Cris, quem me ajudou diretamente nesse trabalho.

Agradeço a Maria, Tia Regina e Marcela, pois o suporte delas foi e é fundamental para eu concluir esse curso. Às minhas amigas Tici, Poca, Júlia, Bel, Li e Sílvia, que estão comigo em todos os momentos da minha vida. E, também, a todos e todas amigos/as e colegas que me cercam todos os dias e fizeram com que esse trabalho não fosse um fardo de fim de curso, mas sim um prazer em pesquisar e compreender as questões que abrangem essa temática dentro do curso de Sociologia.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso pretende descrever e analisar as desigualdades relativas ao uso do tempo na sociedade brasileira, com o enfoque entre homens e mulheres e tipos de família. Isso significa que a construção em torno das diferenças de sexo, feminino e masculino, provocam desigualdades nos mais diversos âmbitos da sociedade. Com o intuito de procurar demonstrar como tais discrepâncias ocorrem, esta pesquisa analisa, além de bibliografia relativa aos estudos de gênero, divisão sexual do trabalho e uso do tempo, a base de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD, a fim de descrever estatisticamente o panorama da situação do uso do tempo e confirmar quais são os principais fatores que provocam essa desigualdade no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Divisão Sexual do Trabalho, Uso do Tempo, Trabalho remunerado e Trabalho não remunerado, Trabalho Doméstico.

ABSTRACT

I examine time use inequalities in Brazil emphasizing differences between men and women. In order to seek to demonstrate how such discrepancies occur in the social society, this research analyzes in addition to the literature on gender studies, sexual division of labor and use of time. Using the Brazilian National Household Survey I draw a profile of time employed in paid and unpaid work in different individuals and families.

KEYWORDS: Sexual Division of Labor, Time Use, Paid work and unpaid work, Domestic Work.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELA

GRÁFICO 1 – Proporção entre homens e mulheres que cuidavam de afazeres domésticos, na semana de referência.

GRÁFICO 2 – Gráfico 2. Comparação entre as médias de horas dedicadas aos afazeres domésticos, por grupos. Fonte: PNAD, 2009.

TABELA 1 - Medidas de dispersões em relação às médias dos grupos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
REFERENCIAL TEÓRICO	5
Gênero.....	9
Divisão Sexual do Trabalho.....	10
Trabalho remunerado X Trabalho não remunerado.....	12
Uso do Tempo.....	15
METODOLOGIA	19
RESULTADOS	25
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	37
ANEXOS.....	40

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa o objetivo é descrever como é distribuído o uso do tempo no Brasil, entre os homens e mulheres, dada os fatores de idade, estado civil e tipos de família. O tempo a ser analisado aqui não é o tempo biológico ou o tempo natural, mas sim o tempo social, o tempo construído a partir de sentenças e paradigmas sociais no decorrer da história de cada sociedade, em especial no Brasil. E, devido a esse tipo de construção em torno do tempo, são criados fatores de como o próprio é, deve ser e precisa ser usado.

Foi norteador-se pelas literaturas produzidas na área da sociologia sobre esse tem, de como, quando e porque o tempo é gasto de uma forma por uma pessoa, e de outra forma, por outra, que se chega às conclusões aqui descritas. A partir dessa premissa de estudos sociológicos percebe-se e analisa-se a discrepância no uso do tempo que existe entre homens e mulheres. Esta monografia procurará responder se de fato o uso do tempo é diferente para homens e mulheres e porque, na medida de fatores que indicam essa diferenciação.

. Quando analisado sociologicamente, a forma como uma pessoa gasta seu próprio tempo depende diretamente da estrutura social, como conta o tempo social e como designa esse tempo para as diferentes pessoas de distintas classes, sexo e estrutura social. Em uma sociedade ocidental, o tempo é contabilizado em todos os campos da vida social, seja para o trabalho, para os estudos ou para a família. O que se pretende aqui é compreender em que nível esse tempo é diferenciado entre mulheres e homens. Por que se espera que a mulher dedique-se mais aos cuidados da família? Por que as relações sociais do tempo são desiguais, e como percebido na pesquisa, injustas?

A resposta direta para essas questões é que os homens devem delegar seu tempo para o trabalho produtivo, remunerado, pois a ele é delegado o papel social de prover financeiramente a família e a casa. À mulher, é imposto o papel reprodutor da sociedade, papel o qual não é remunerado.

Contudo, com as mudanças sociais que ocorreram no século XX, a mulher incorporou às suas atividades, também, o papel de trabalhar na esfera pública, realizando assim, os dois tipos trabalhos para a manutenção da família. É preciso esclarecer que as mulheres sempre trabalharam, inclusive na esfera pública. Empregadas domésticas, costureiras, agricultoras, cozinheiras, entre outras inúmeras profissões já estavam inseridas em um contexto de trabalho remunerado e produtivo. Contudo, mesmo já com esse mapeamento demográfico, os trabalhos das mulheres eram muito invisibilizados e precarizados. Com a entrada de outro estrato de mulheres, escolarizadas e com mão de obra mais especializada, no mercado de trabalho, essa situação começou a mudar. Não é percebida uma mudança vertiginosa, mas muitos direitos e avanços foram conquistados a partir da década de 70 pelas mulheres brasileiras.

A ascensão da mulher ao mercado de trabalho mais especializado e com ascensão profissional é um fenômeno recente, mas que provocou e continua provocando grandes impactos, tanto na economia quanto na sociedade capitalista. Entretanto, em contrapartida a esse fenômeno, denominado de “feminização do mercado de trabalho”, as mulheres ainda precisam responder aos cuidados da casa e da família.

É um consenso social que a mulher deve cuidar dos filhos, do marido e das pessoas que por acaso estiverem doentes, além disso, devem também, lavar, passar, cozinhar, ou seja, realizar todas as tarefas de manutenção da casa. Esse senso comum é formulado e defendido de que, em nome do amor e por todas as características

femininas idealizadas a elas, a mulher é naturalmente nascida para realizar esse papel social.

Sendo assim, a desigualdade de gênero é algo muito maior do que refletem os números percebidos nas pesquisas sobre as diferenças salariais ou de provimento de cargos no mercado de trabalho. A desigualdade de gênero infere diretamente como o tempo é despendido pela mulher brasileira, de forma a sobrecarregá-la, pois realiza a “dupla jornada de trabalho”.

As pesquisas sobre o uso do tempo abarcam muito mais que medições sobre como o tempo é gasto diariamente ou semanalmente, essas pesquisas permitem inferir e conceituar toda a literatura sobre gênero, divisão sexual do trabalho e trabalho remunerado e não remunerado.

E, com isso, essa pesquisa buscou, além de traçar o panorama geral sobre as desigualdades do uso do tempo entre homens e mulheres, analisar e descrever como os arranjos familiares são uma importante variável nesse assunto. Pois, o vetor casamento e filhos são de fundamental importância para aferição do tempo gasto na esfera privada, como será percebido no decorrer dessa monografia.

Esse trabalho está dividido em cinco partes, contando com essa introdução. A segunda parte é a descrição do referencial teórico, o qual foi usado para realizar essa pesquisa. A pesquisa se apresentou extensa e com questões distintas a serem elencadas, assim, essa parte foi dividida em outras quatro, são elas: gênero, divisão sexual do trabalho, trabalho remunerado e trabalho não remunerado e uso do tempo. Essa divisão foi pensada para que os temas, analisados em separados, propusessem uma adequação entre a conceitualização de cada um.

Na parte seguinte, é apresentada a metodologia que foi usada para realizar esta pesquisa. Apresentando a capturação dos dados e a manipulação desses como foi feita. A seguir são apresentados os resultados da pesquisa, e tal como foi realizada. Buscou-se descrever as variáveis e as estatísticas usadas e, por conseguinte, as estimativas relativas ao estudo em questão. Por fim, tem-se a conclusão do trabalho, que pretende compilar e resumir os principais resultados da pesquisa e ligando aos temas discutidos na parte teórica do trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de perseguir o objetivo dessa pesquisa, analisar e descrever as desigualdades em relação ao uso do tempo entre homens e mulheres, um caminho teórico será traçado para que uma visão do conjunto acadêmico fique bem clara e, além de fazer referência ao tema, demonstrar a bibliografia da área de gênero que abarca as questões sobre trabalho, divisão sexual do trabalho e uso do tempo.

É fato que o século XX foi um período farto de acontecimentos históricos que mudaram o curso do mundo, tanto o ocidental, como oriental. Movimentos supranacionais iniciados no século anterior que culminaram na sequência marcante da Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, ditaduras de extrema direita, Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria são exemplo do processo histórico que sofreu o século XX. Esses grandes acontecimentos revelam, em grande escala, os movimentos sociais que estavam ocorrendo em cada nação e na interconexão de ideias e saberes que se tornou possível com o advento de várias tecnologias.

É nessa corrente de mudanças que um movimento social se destaca, o movimento feminista. Pois, é na busca por espaço na esfera pública que milhares de mulheres se lançam nas universidades e no mercado de trabalho. O movimento feminista visa à melhoria das condições das mulheres, desde as situações fabris, que eram desumanas nos séculos anteriores e ainda é em alguns lugares do globo, como busca a emancipação da mulher na esfera da vida pública, quebrando paradigmas político, religiosos e culturais. Esse movimento sempre contou com grandes mulheres, como Margaret Sanger e Betty Friedan, que visavam os direitos políticos, reprodutivos e econômicos das mulheres.

Assim, a entrada das mulheres na esfera pública, que era tímida e repreendida anteriormente, ganha força acadêmica e política, no século XX. Ou seja, as mulheres se empoderaram e realizam feitos inimagináveis até então. Isso é claramente notado nas conquistas e desafios superados por elas no âmbito da educação, do trabalho e, principalmente, sobre a mudança de atitude em relação aos papéis sociais da mulher na sociedade. Nesse quesito, a mudança de papel da mulher na sociedade pode ser mais bem evidenciada nos países capitalistas ocidentais, os quais possuem mais estudos e campos de pesquisa na área. Devido a isso, quando tratado sobre o feminismo na sociedade, é relativo ao feminismo na sociedade ocidental capitalista, mais precisamente Europa e Estados Unidos, países precursores nos estudos de gênero.

O movimento feminista foi às ruas desses centros culturais para reivindicar por melhores situações de trabalho, há esse tempo havia milhares de mulheres que tinham carga horária superior a 15 horas diárias e seus filhos e filhas iniciavam a vida no mundo do trabalho muito cedo e também com carga horária desumana. Somado a isso, as questões relativas à saúde da mulher também era pauta cativa do movimento. Mas, pode-se dizer que foi a entrada das mulheres nos centros de ensino, universidades e centros acadêmicos que permitiu reverter a condição de exclusão pelo acesso ao saber. Todo esse processo empoderou não somente o movimento, como refletiu nas diversas camadas das sociedades no decorrer das décadas.

No Brasil, a força do movimento feminista começou a se destacar na década de 70, contudo não diminui o mérito das mulheres que importaram, absorveram e conquistaram espaço na sociedade brasileira mudando para sempre os parâmetros tão encravados na sociedade como o patriarcalismo, machismo e sexismo. Mulheres feministas como Bertha Lutz, Nísia Floresta, Patrícia Galvão, a Pagu, Heleieth Saffioti e Rose Marie Muraro, entre tantas outras iniciaram a força da mulher no Brasil que

culminou, a partir de 70, em um movimento social que pretendia e pretende acabar com as desigualdades em relação à mulher.

Todas as mudanças sociais na sociedade brasileira são percebidas uma a uma por um processo gradativo e específico. Na esfera da educação, se até o início do século somente um quarto da sociedade brasileira era alfabetizada, sendo a maioria esmagadora de homens,¹ nos dias de hoje a taxa de analfabetismo está abaixo dos 5 % para homens e mulheres. Tratando mais especificamente as diferenças entre sexo, tem-se que, atualmente, as mulheres já apresentam mais anos de estudo que os homens proporcionalmente. Enquanto elas estão na média de 8,7 anos de estudo, eles possuem 7,7. Ainda sobre dados da educação, as mulheres estão em maior número nas salas do ensino médio, 56,7%, e eles, 45,3%. Esses números refletem muito mais que dados sobre a sociedade brasileira, eles indicam que o acesso à mulher a educação mudou completamente em cem anos, e que mais, a continuidade e a permanência das mulheres nas universidades e centros acadêmicos permitem cada vez mais uma mudança de paradigma em relação à controversa naturalidade das obrigações das mulheres na sociedade.²

Outra área muito importante a ser analisada e questionada é o mercado de trabalho. Nessa, a entrada das mulheres acontece de uma forma diferenciada dos homens, assim como também, a permanência e a visibilidade social. Apesar de desde a década de 70 haver a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, – em 1970 cerca de 20% das mulheres estavam trabalhando na esfera pública e em 2009, 52,4% -, essa inserção ocorre de uma forma desigual e injusta.³

¹ Sítio www.ibge.gov.br

² Dados relativos à PNAD/IBGE 2009.

³ Dados Fundação Carlos Chagas 2007 e PNAD/IBGE 2009.

“o acesso das mulheres ao trabalho pago permanece condicionado pela *domesticidade* de suas relações, como se fosse uma dimensão *exterior* às suas vidas. Já o acesso dos homens continua naturalizado, considerando um imperativo e percebido a partir de suas trajetórias, possibilidades de ganhos e de realização pessoal *dentro* do mundo do trabalho.” (Araújo e Scalon, 2005, pg.19).

Esse fato evidenciado por Araújo e Scalon, mostra que, mesmo mais qualificadas e com mais anos de estudo, segundo os dados da educação brasileira, são as mulheres que continuam precisando responder pelas tarefas do âmbito privado, ou seja, dentro do espaço doméstico. Essa função de responsabilidade delegada à mulher reduz as possibilidades de acesso ao mercado de trabalho, e quando se faz esse acesso, é de forma precarizadas e carregadas de estigmas.

Mesmo com todos esses notáveis avanços sociais, podemos assim afirmar, as condições das mulheres na sociedade brasileira ainda possuem um grande caminho a percorrer. As mulheres são vítimas recorrentes de violência doméstica, sofrem discriminação pela condição ainda enraizada socialmente de que é o “sexo frágil” e convivem com a carência de equipamentos públicos que permitam a promoção de sua autonomia econômica.

Com esse pano de fundo inicial, essa revisão bibliográfica pretende levantar informações e questões vistas em diversos autores da temática. Para isso, dividiu-se em quatro grandes temas: Gênero, Divisão Sexual do Trabalho, Trabalho e Trabalho Doméstico e Uso do Tempo. É somente uma tentativa de abarcar mais precisamente cada área, que são completamente interligadas entre si, mas que precisam ser definidas de acordo com conceitos e correntes acadêmicas para que o estudo se mostre mais acessível e prático.

Gênero

“... uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.”
(SCOTT, Joan, 1995).

A construção de conceitos e saberes no decorrer da história é repleta de vírgulas e reticências que significam a readaptação das denominações ao momento presente que se vive. Os radicais gregos ou latinos que estão dispostos nos mais diversos dicionários conceituados para demonstrar que o curso da história sobre um radical (do grego *raix*, que significa raiz) pode ser mais volátil que a própria definição de raiz, rígida, dura, impetrável.

A intenção é compreender que os termos gramaticais sofrem, assim como as sociedades, as intervenções do tempo e das constantes mudanças de cunho social. Então, é possível, assim, inferir que as questões sobre as relações sociais do sexo, também sofrem, mudam e se readaptam com as reviravoltas sociais.

Como mencionado anteriormente, os movimentos sociais do século XX mudaram o curso do mundo ocidental, e consecutivamente, do mundo inteiro, se considerado o grau de globalização contemporâneo. O movimento feminista pode ser apontado como um dos grandes destaques de todos esses movimentos (trabalhista, integralista, socialista, hippie, negro, etc.). Pois, é a partir da entrada das mulheres nos centros acadêmicos e seu progressivo engajamento na temática contra os ditames sociais de repressão contra a mulher no geral, que a categoria gênero começou a ser incorporada e readaptada a essa nova vertente social pelas feministas.

Em dias atuais, sabe-se que políticas públicas de gênero, por exemplos, são políticas públicas para as mulheres, da mesma forma que os estudos sobre gênero nas universidades, são estudos sobre as relações entre homens e mulheres, com enfoque na situação histórica e social das mulheres. É dessa premissa que o termo gênero, apesar

de ser uma expressão social, passou a ancorar a questão ligada à luta das mulheres. O termo incorpora, também, que a diferenciação hierárquica entre os sexos não é nada natural, mas sim baseado nos conceitos da sociedade, como por exemplo, o patriarcado e o ideal do senso comum, o qual julga que por questões biológicas, de natureza, os homens tem sobreforça e sobrepoder em relação às mulheres.

“O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres tem filhos e homens tem força muscular superior. O Gênero se torna, alias, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres” (SCOTT, Joan, 1995)

Essa conceituação de Joan Scott do termo gênero é trabalho galgado gradativamente pelo movimento feminista, o qual desde sua criação busca questionar toda e qualquer desigualdade gerada entre as definições sociais entre homens e mulheres, que de uma forma ou de outra legitimam as relações de poder entre um sexo em relação ao outro. E, é dessa mesma construção social de diferenciação entre os sexos, que é refletida a conjuntura social da separação entre homem e mulher, e mais, a hierarquização entre esses diferentes sexos. Com isso, tem-se que a definição do senso comum que o papel da mulher é ser cuidadora e do homem ser o provedor da família é premissa socialmente construída e, portanto, não pode ser fundamentado nas diferenças biológicas de cada sexo.

Divisão Sexual do Trabalho

Esta parte do referencial teórico será baseada na teoria de Êmile Durkheim para conceitualizar a divisão sexual do trabalho tal como é compreendida. É preciso notar que a teoria do autor é banhada pelas condições temporais que vivia, ele é enfático em

algumas afirmações que mesmo com grande advento acadêmico possuem características evolucionistas e até sexistas.

Para Durkheim (1999), “Os indivíduos não se assemelham, são diferentes. E, de certo modo, são diferentes porque o consenso se realiza.” É a partir dessa noção que o autor postula sobre a solidariedade orgânica que ocorre em sociedades ditas evoluídas, na qual cada parte desempenha uma função determinada de modo a formar de um organismo geral ou um conjunto orgânico funcional. Analogicamente ao corpo humano, cada parte da sociedade seria um órgão do corpo, que juntos garantem o funcionamento do organismo como um todo. Com citado, na solidariedade orgânica, as partes se unem em torno de um consenso para definir seus papéis por meio da diferenciação de cada um. Esse tipo de sociedade se contrapõe a uma com a solidariedade mecânica, em que não há essa divisão de funções e os indivíduos possuem dependência do coletivo e a consciência é parecida e unificada, são as sociedades primitivas, segundo o autor.

É a partir dessa teoria de Durkheim que é possível analisar o quão fundamentado na sociedade está a divisão sexual do trabalho. Esta é formulada a partir da premissa que o trabalho da sociedade é dividido entre homens e mulheres. A eles cabe a função de prover a família financeiramente - o papel produtivo - o que significa trabalhar na esfera pública da sociedade; e, a elas, é destinado o trabalho reprodutivo, o qual significa ter a responsabilidade pelos afazeres domésticos, como cuidar dos filhos, zelar pela casa e cuidar dos idosos ou enfermos.

A ênfase de dessa divisão, como nas questões sobre gênero já discutidas, é a naturalização das diferenças sexuais. Ou seja, a função da mulher é ser mãe por natureza, pois gera e tem o filho e nada mais “natural” ser dela o papel de cuidar e zelar para que essa criança cresça bem e saudável. A essa naturalização é agregado todos os

diversos afazeres domésticos cotidianos que permitem a manutenção da casa, como limpar, passar e cozinhar, e da família.

Contudo, nos dias de hoje, é impensável que haja um consenso entre o trabalho reprodutivo ser exclusivamente das mulheres, e o produtivo, o dos homens. Provavelmente, em uma sociedade em que a mulher era ceifada do conhecimento e do acesso aos espaços de decisão, essa dualística poderia fazer sentido. Danielle Kergoat (2009) afirma que “a divisão sexual do trabalho não é um dado rígido e imutável. Seus princípios organizadores permanecem os mesmos, suas variedades variam fortemente no tempo e no espaço.”

É a essa variação no espaço que são percebidas as graduais mudanças nas sociedades, entretanto ainda é percebido, segundo Kergoat (2009) que essa divisão possui o princípio da separação, o qual separa o trabalho reprodutivo e produtivo, e consecutivamente, essa separação já cria uma hierarquização entre esses dois tipos de trabalho.

Trabalho remunerado X Trabalho não remunerado

“tornou-se coletivamente ‘evidente’ que uma enorme massa de trabalho era realizada gratuitamente pelas mulheres, que este trabalho era invisível, que era feito não para si, mas para os outros e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal.” (KERGOAT, Danielle. 2009).

Mas, afinal, o que é trabalho? O que define o que é ou que não é trabalho na sociedade? A citação de Kergoat mostra o questionamento do conceito de trabalho vigente na sociedade moderna. Segundo Hirata (2000), essa noção ou conceito contemporâneo do que vem a ser trabalho é proveniente da definição da economia política clássica, mais precisamente de Karl Marx, que postula que o trabalho é fruto

essencial do homem em relação com a natureza. E, que, em decorrer disso, a relação homem-homem é produzida pelas relações de transformações ou ações dos homens na natureza.

Essa definição baseada na conceituação marxista clássica sobre o materialismo histórico que define o trabalho. Segundo a autora, se mostra muito ineficiente, dada as condições atuais da sociedade moderna, pois é notado que essa definição trata universalmente homem como “de fato é o masculino que é elevado ao universal”. É uma problematização na construção textual e conceitual que sofremos até o dia de hoje, na busca de incluir a mulher nesse paradigma universalista, ou simplesmente desconstruir a proeminência masculina.

Outra crítica a esse conceito de trabalho provoca uma naturalização das relações sociais do trabalho, e também, as divisões sociais do trabalho já vista nessa pesquisa. Ou seja, são conceituações como essa que permitem a reafirmação de estruturas como a divisão sexual do trabalho, por naturalizar o trabalho do homem como produção e invisibilizar o trabalho da mulher como reprodução.

Dedecca (2004), que também parte da teoria clássica marxista para pensar a conceituação de trabalho na sociedade, percebe a partir na naturalização do trabalho, o capitalismo fundamentou as relações sociais percebidas. Baseando no texto *Tempo, Trabalho e Gênero* do autor, é possível perceber como a análise proposta é coesa com o questionamento de Kergoat e Hirata.

Segundo Dedecca, a relação entre o tempo e o trabalho, também vista por Hirata, é central no modelo capitalista de funcionamento econômico da sociedade. Partindo do pressuposto que designar tempo para trabalho produtivo é necessariamente delegar a outra pessoa o trabalho reprodutivo. A naturalização de que o homem deve trabalhar para prover, induz à naturalização de que a mulher deve cuidar. Esse postulado da

divisão sexual do trabalho sobreposta ao conceito de trabalho visto provoca a condição hierárquica que é percebida na sociedade.

As pesquisas oficiais brasileiras, até os dias de hoje, não tratam seus dados sobre o trabalho doméstico como trabalho. Ser dona de casa ou realizar essencialmente trabalho reprodutivo é considerado pelas estatísticas oficiais como “não trabalho”. O questionamento desta pesquisa também é sobre como é “não trabalho” um tempo destinado a atividades que mantêm o funcionamento do modelo atual da sociedade. A entrada das mulheres no mercado de trabalho, juntamente com a teoria do movimento feminista, instaura esse questionamento sobre a teoria clássica de definição de trabalho e as consequentes interpretações possíveis.

Isso significa inferir que não é mais possível pensar na naturalidade do trabalho das mulheres ou dos homens em decorrência das características de sexo e que a invisibilidade do trabalho doméstico deve ser questionada e repensada. Ainda hoje, as pesquisas analisam as donas de casa como inativas, pelo fato de não trabalharem na esfera produtiva, e consecutivamente, não serem remuneradas por tal trabalho. Essa visão de que o trabalho doméstico é “menor” que o trabalho remunerado. É uma percepção injusta sobre a condição reprodutora.

É necessário notar, também, que a entrada das mulheres no mercado de trabalho não provoca o processo inverso, ou seja, de que os homens estão mais atuantes dentro de casa. O que é percebido nas estatísticas é há a dupla jornada de trabalho ou a acumulação dos dois tipos de trabalho pela mulher, pois mesmo atuando na esfera pública, ainda precisa responder aos cuidados da casa e da família, em nome do amor e do zelo que lhe é “naturalmente” conferido por ser simplesmente mulher.

“Para as mulheres, os limites temporais se dobram e redobram, trabalho doméstico e profissional, opressão e exploração, se acumulam e articulam e por isso elas estão em situação de

questionar a separação entre esferas da vida – privada, assalariada, política – que regem oficialmente a sociedade moderna.” (HIRATA, 2000)

É a partir dessa problematização do que é trabalho que toda a literatura e pesquisa referente ao uso do tempo pelos homens e pelas mulheres mostram a evidência da desigualdade entre os sexos, seja na esfera pública, seja na esfera privada. A sobreposição da condição do homem, de que a função que desempenha é mais importante e/ou mais essencial, coloca as mulheres em uma posição inferior, não somente no que compete o trabalho não remunerado, mas como também, na tentativa delas entrarem e permanecerem no mercado de trabalho.

Uso do Tempo

“A forma como as pessoas usam seu tempo tem implicações diretas para o seu bem-estar. Tempo é particularmente importante porque é um recurso escasso e praticamente todas as atividades humanas são demoradas; alocação de tempo para uma atividade requer a restrição do tempo para outras atividades. O estudo da distribuição de alocação de tempo individual pode nos dizer muito sobre a distribuição de bem-estar de uma população.” (Tradução livre de MEDEIROS, 2007).

As pesquisas sobre como as pessoas usam ou gastam seu tempo são relativamente novas no cenário das ciências sociais. Essas pesquisas foram projetadas, inicialmente, pelas indústrias e grandes empresas a fim de coletar informações sobre o modelo fordista de produção em massa de equipamentos industriais. É interessante notar que, como mostrou Chaplin em sua obra prima *Tempos Modernos*, em 1934, a medição de tempo já era rotineira na produção capitalista e, sim, as pesquisas intranacionais foram impulsionadas pelas teorias da administração de empresas para os fins de projetar sempre mais eficiência, ganho de tempo e aumentar a produção.

Foi a partir da década de vinte que o foco dos estudos sobre o uso do tempo começou a mudar de vertente. Segundo Harvey e Pentland (2002) “durante a segunda década desse século (XX) as pesquisas sobre o uso do tempo surgiram na Europa em conjunto com os primeiros estudos sobre as condições de vidas da classe trabalhadora, em resposta às pressões geradas pelo aumento da industrialização.”. Ainda de acordo com eles, essas pesquisas nos Estados Unidos datam desde o ano de 1915.

No decorrer do século XX essas pesquisas foram se desenvolvendo e acrescentando cada vez mais técnicas e situações para a aferição do tempo das pessoas. Alguns institutos internacionais surgiram, como também, grandes especialistas na área. Na Europa, em especial, existe a EUROSTAT, uma organização com competências de reunir e gerir grandes bases de dados estatísticos sobre as diversas questões da comunidade europeia, como economia, transporte e uso do tempo. E, também, a IATUR (*International Association for Time Use Research*), a qual busca unificar e conduzir as diversas pesquisas sobre o uso do tempo, identificando métodos e estatísticas ao redor do mundo.

A resignificação em torno dessas pesquisas é crucial para as questões de gênero na sociedade capitalista. O discurso feminista de igualdade entre homens e mulheres é reforçado com os resultados de tais estatísticas referente ao uso do tempo. Com já dito, nos dias de hoje, a mulher segue um regime de jornada de trabalho dobrado, um, com o trabalho principal, remunerado, e a outra, como mantenedora do lar, não remunerado. Esse processo delega às mulheres muitas horas a mais trabalhadas por dia que os homens, os quais com esse tempo não preenchido pelas atividades domésticas tem condições de realizar atividades de sua escolha.

Segundo Peixoto Ramos (2009), “pesquisas de usos do tempo almejam captar comportamentos não perceptíveis por pesquisas domiciliares tradicionais”. Isso ocorre

porque essas pesquisas tradicionais “não desvelam como ocorre a repartição de trabalho e de recursos, entre eles o tempo”. É justamente a relação entre o trabalho não pago e o trabalho pago que é possível ser desvendado através dessas pesquisas sobre o uso do tempo.

No Brasil, não existe um instituto governamental ou organização privada que seja fundada especificamente para essas pesquisas. O IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – que, a partir de 1992, acrescentou uma pergunta relativa ao trabalho doméstico que pode ser considerada como um marco nas pesquisas brasileiras. Esse acréscimo foi feito na pesquisa anual PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – que busca coletar e processar diversas informações sobre a sociedade brasileira.

Somente em 2001, essa mesma pesquisa passou a obter informações relativas ao uso do tempo. Foi acrescentada a variável “número de horas que dedica a normalmente por semana aos afazeres domésticos”. A recente coleta de dados sobre o trabalho doméstico não intimidou o movimento feminista e os centros acadêmicos de pesquisarem e inferirem sobre as questões sociais sobre o uso do tempo no Brasil, coisa que em outros países já estão bem mais avançados.

Ramos (2009), diz ainda que os padrões do uso do tempo são “moldados por estruturas sociais, normas culturais, e arranjos institucionais específicos a cada sociedade”. Isso significa que as questões sobre o uso do tempo é um grande reflexo de como a sociedade se organiza. Como disse Medeiros (2007), a aferição sobre como o tempo é gasto é muito importante para compreender o estado de bem estar de uma sociedade. Entretanto, em uma sociedade na qual os padrões de divisão sexual do trabalho são tão dissociados e hierarquizados, a capacidade de medir bem estar fica

aquém das necessidades básicas de igualdade social, tanto na esfera pública quanto na esfera privada.

METODOLOGIA

A metodologia usada nesta pesquisa, que consistiu desde a fase de elaboração do planejamento da pesquisa até a fase de conclusão, se baseia na coleta de dados e na inferência resultante da análise desses dados.

A coleta de dados foi realizada a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. Esta pesquisa é realizada anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e no que tange essa monografia, foram analisados os dados do ano de 2009.

A PNAD é realizada em todo o território brasileiro e visa obter dados pertinentes sobre a população do país, como taxa de fecundidade, desemprego, trabalho infantil, questões de educação e saúde, trabalho doméstico, entre várias outras. E, para restringir o universo de informações e conciliar com o objetivo dessa monografia, foram analisados os dados desagregados por sexo, por faixa etária, por condições familiares referidas às questões relativas ao uso do tempo.

As questões sobre o uso do tempo somente foram incorporadas à PNAD em 2001, graças às demandas de pesquisas e estudos que tinham extrema carência de microdados dessa temática. Pesquisas feitas diretamente com o enfoque sobre o uso do tempo já são estabelecidas em vários países europeus, nos Estados Unidos e, também, muitos países latino americanos, o que coloca o Brasil em de desvantagem sobre o levantamento e análise sobre esses dados.

Voltando mais um pouco no tempo, tem-se que somente a partir de 1992, que a PNAD inseriu uma pergunta sobre a realização ou não de afazeres domésticos. É importante ressaltar que os dados oficiais tratam o trabalho doméstico como inatividade econômica e cria uma lacuna sobre a condição da mulher brasileira, prejudicando não

somente os resultados das estatísticas oficiais, como todas as pesquisas sobre esse tema. Como já dito, em continuidade de refinamento das pesquisas oficiais, em 2001, foi incorporada a questão sobre o uso do tempo, mais diretamente sobre o número de horas dedicadas a afazeres domésticos, por semana. O cruzamento dessa questão com as inúmeras variáveis possíveis torna viável inferir o panorama nacional sobre o uso do tempo.

Para essa finalidade, foi usado um *software* que permite o processamento dos microdados da PNAD. Nesse programa, o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), é possível inserir toda a base de dados contida na PNAD e analisar separando todas as variáveis da pesquisa. É possível obter as frequências de cada variável em separado, como por exemplo, frequência de mulheres na população brasileira, como também, obter dados cruzados, como a frequência de mulheres na faixa dos 20 aos 29 anos e se tem ou não filhos. Dessa forma, é possível o cruzamento de três variáveis, como mostra o exemplo (mulheres, faixa etária 20-29 anos, filhos nascidos), o que viabiliza que se tenha projetado várias formas de cruzamentos de microdados, os quais serão apresentados nos resultados desse trabalho.

Para a análise específica dos dados ou microdados dessa monografia, se estruturou a análise da PNAD em torno de alguns parâmetros importantes para o tema. O primeiro recorte ou filtro usado foi o de eleger o tamanho da amostra. Como o público alvo do estudo abarca as mulheres e homens economicamente ativos, foi eleita uma faixa das pessoas que ou estão casadas ou que possuem filho. Segundo o IBGE, PEA – População Economicamente Ativa - é a fração da população existente no setor produtivo, ou seja, que está apta para adentrar no mercado de trabalho, seja ele, informal ou formal, remunerado ou não remunerado. Apesar de os dados referentes às taxas de fecundidades na adolescência serem ainda representativos na sociedade brasileira, será

considerado apenas pessoas que possuem ou não um cônjuge e/ou tem ou não filhos. Essa faixa foi usada também para homens, uma vez que o método comparativo entre o uso do tempo diferenciado por sexo que será a base da estrutura comparativa dos resultados aqui apresentados.

Outra questão sobre conceitos de pesquisa será fundamental para a explicação dessa comparação, a questão pessoa de referência⁴ do domicílio. Aqui foram acrescentados vários fatores ou variáveis, considerando a pessoa de referência, são eles: mulheres casadas, mulheres não casadas, mulheres casadas com filhos e mulheres não casadas com filho; homens casados, homens não casados, homens casados com filhos e homens não casados com filhos.

A partir desses dados cruciais, será demonstrado o recorte da variável sobre o uso do tempo. Essa variável aparece na PNAD, com o número de horas dedicadas normalmente, por semana, aos afazeres domésticos⁵. Quando se diz afazeres domésticos, se considera uma enormidade de trabalhos domésticos cotidianos em uma família. Podem ser eles, fazer ou preparar as refeições, cuidar dos filhos, cuidar de idosos/os, zelar a casa, ou seja, limpar, varrer, lavar, cuidar das roupas, etc. Ou seja, afazeres domésticos abarcam toda e qualquer atividade que seja de manutenção de uma casa, desde lavar uma louça, até dar banho em uma idosa.

Sendo assim, a PNAD/IBGE consegue, a partir da aferição pela execução ou não de afazeres domésticos, demonstrar a quantidade de tempo, em horas, por semana, despendido para essas tarefas. Essa é possivelmente o melhor método de aferição de uso do tempo, uma vez que retirado o tempo de trabalho produtivo e mensurando o trabalho reprodutivo tem-se, como resultado o “resto” do tempo para os cuidados com a vida própria, seja das mulheres, seja dos homens.

⁴ Pessoa de Referência: para o IBGE, é a considerada responsável pela família.

⁵ Questionário da PNAD 2009.

Essa pesquisa possui, então, variáveis centrais que são a aferição de tempo destinado a afazeres domésticos por mulheres, casadas ou não, com filhos ou não e o cruzamento entre essas variáveis: mulheres casadas com filhos, mulheres casadas sem filhos, mulheres não casadas com filhos e mulheres não casadas sem filhos. O mesmo, para fins comparativos fez-se para os homens, casados ou não, com filhos ou não, se desdobrando em homens casados com filhos, homens casados sem filhos, homens não casados com filhos e homens não casados sem filhos.

O passo seguinte ao processamento dos dados foi o de procurar analisá-los à luz dos objetivos dessa pesquisa. Para isso, foram usadas as medidas descritivas média, mediana e desvio padrão. Essas medidas são formas de explorar dados quantitativos, como no caso, número de horas dedicadas aos afazeres domésticos. Porém, o objetivo é, a partir da aferição dessas medidas, compreender os dados qualitativos das variáveis determinantes da desigualdade no uso do tempo.

O primeiro passo foi, a partir das frequências obtidas, realizar a média ponderada para que os cálculos seguintes pudessem ser executados. A fim de ponderar o número de pessoas em relação em todas as horas referente na frequência obtida. A

$$MP = \frac{\sum_{i=1}^k n_i \times N_i}{\sum_{i=1}^k n_i}$$

fórmula usada foi:

Após esse cálculo, foi feita a média aritmética de todas as médias ponderadas obtidas; é uma medida bem simples e fácil de ser interpretada, pois não é nada mais que a soma de todos os números ou valores dividida pelo total desses números ou valores. Ao realizar essa equação é correto dizer que a média é uma medida central do conjunto

de valores em questão. A fórmula para o cálculo da média aritmética é:

$$\bar{X} = \frac{\sum_{i=1}^n X_i}{n}$$

Já a mediana, mesmo com a finalidade de encontrar a medida central da amostra em questão, se difere da média por ser uma mensuração mais precisa de aferição do dado central. E, o desvio padrão, que é um desdobramento da média, na medida em que a partir dela, é analisada a dispersão dos valores individuais em torno da média. Essa medida é importante para perceber o qual simétrico ou assimétrico é a distribuição do uso do tempo entre as pessoas. Pois, quanto menor o desvio padrão for menor é a variabilidade, ou seja, mais concentrados ou próximos da média estão dispostos os dados.

Fórmula para cálculo da mediana $Md = \frac{n+1}{2}$ e para cálculo do desvio padrão

$$s = \sqrt{\frac{\sum (X_i - \bar{X})^2}{n-1}}$$

Por fim, outra medida estatística foi usada nessa pesquisa como forma de melhora a análise dos dados coletados, o coeficiente de variação. É uma medida que permite a comparação entre duas análises diferentes, com diferentes desvios padrão. No caso dessa pesquisa, temos o uso do tempo para homens, com um determinado desvio padrão a partir dos dados coletados para homens, o mesmo acontece no caso das mulheres, um determinado número de horas, com também, diferente desvio padrão, o que não permite uma comparação direta. Por isso, a transformação em coeficiente de variação, para que haja uma padronização nos dados e a consequente comparação entre

eles. Fórmula:

$$Cv = 100 \cdot \frac{s}{\bar{X}}$$

Com isso, é possível até certa medida diferenciar a desigualdade do uso do tempo entre homens e mulheres, acrescentando outras variáveis qualitativas e

quantitativas. Essa descrição de dados é fundamental para que demonstre a discrepância que existe, tanto conceitualmente, como no cotidiano, entre trabalho pago e trabalho não pago. Esses, dados foram, ainda, conciliados com a bibliografia analisada no referencial teórico desse documento.

RESULTADOS

A população brasileira era, em 2009, composta de 191.736.790 milhões de pessoas, sendo que 93.325.892 de homens e 98.410.898 de mulheres o que nos dá uma proporção de 51% de mulheres contra 49% de homens. São mais de cinco milhões a mais de mulheres no território brasileiro. Tem-se, também, que a maioria absoluta da população reside nos centros urbanos do país, mais de 80% da população, enquanto somente 16% ainda vivem no meio rural.

Outro dado importante é sobre a chefia do domicílio. A/o chefe de família é percebido pelo IBGE como Pessoa de Referência, para o instituto, a pessoa de referência é a pessoa responsável pelo domicílio ou assim considerada pelos demais membros da família. Temos que, no Brasil, as mulheres alcançaram a proporção de 35,2% em ser a pessoa de referência no domicílio, enquanto os homens são responsáveis por 64,8%. Esses números mostram que as mulheres estão cada vez mais se tornando referência dentro de casa. Se comparada a um dado da PNAD de dez anos antes, 1999, as mulheres eram somente chefas de um pouco mais de 27%⁶ das famílias brasileiras.

Sobre os arranjos familiares, é importante considerar que a PNAD permite analisar como são feitas as agregações familiares. Para a PNAD, família é o conjunto de pessoas que são ligadas por laços de parentesco, por ligação doméstica ou por situações de convivência dentro de um domicílio. Além de cônjuges, são considerados integrantes da família, filhos, outros parentes, agregados, pensionistas e empregada/o doméstico. Essa definição abarca, também, as pessoas que vivem sozinhas, são denominadas famílias unipessoais.

⁶ PNAD 1999. IBGE.

Assim, considerando os determinantes casamento e filhos, tem-se que 47,3 % das famílias são de casais com filhos e 17,4% são de casais sem filhos. Um arranjo que chama muito atenção é o de mulher com filhos, que alcança a proporção de 17,4%, o que é um número muito alto, mas se considerado que em caso de separação, as mulheres que ficam, em sua maioria, com a guarda dos filhos e que também, outras questões, como mortalidade e saúde, fica mais claro de supor o porquê dessa proporção ser tão alta.

Para as famílias compostas de mulheres sem filhos, isso significa que o arranjo familiar inclui outra/s pessoa/s, a proporção é de 2,9%. Para homens com filhos, é de 2,2% e sem filhos, somente, 1,7. Se comparado ao número das mulheres, já é bastante claro inferir que essas proporções mostram o não compartilhamento de tarefas, como a criação dos filhos. Por fim, dados sobre famílias unipessoais são de 5,7% para famílias unipessoais femininas e de 5,5 de unipessoais masculinos.⁷

Se comparado com os dados referentes à PNAD de 1999, é válido notar que as mudanças mais impactantes são no arranjo casais com filhos, o qual diminui em quase oito pontos percentuais. Quando, em 1999, casais com filhos eram de 57,7 por cento das famílias brasileiras, em 2009, esta proporção caiu para 47,3%. Analisando os outros dados, é percebido que essa diminuição foi diluída entre os outros tipos de famílias, ou seja, não houve nenhuma grande mudança em relação aos outros arranjos familiares. Exceto pelo caso de famílias casais sem filhos, que aumentou em quase quatro pontos percentuais.

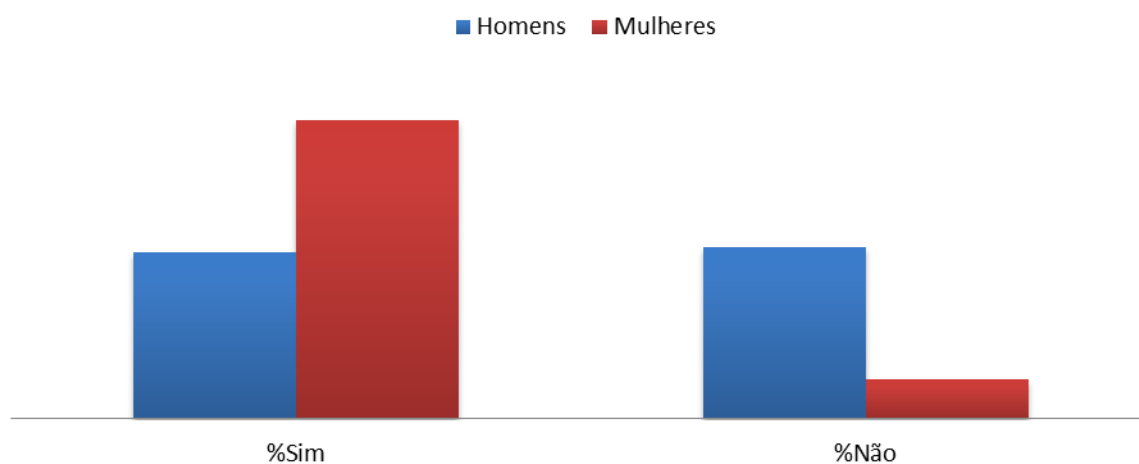
Esses dados representam a tendência da sociedade brasileira o que é de suma importância para as pesquisas sobre como as pessoas gastam seu tempo. Nos casos de

⁷ Retratos das Desigualdades. IPEA. 2011

casais sem filhos, é possível pensar que, tanto o homem quanto a mulher, dessa família possui mais tempo livre que os casais que possuem filhos. É, então, a partir dessa dinâmica que serão apresentados os dados relacionados ao uso do tempo a seguir.

O primeiro gráfico a ser apresentado demonstra, em proporção, quem, entre homens e mulheres, realizam afazeres domésticos na semana de referência. A semana de referência é um período determinado para a realização do trabalho. Esses dados mostram uma discrepância no que tange as questões ligadas aos afazeres domésticos. Mais que divergências nas horas, que será apresentado a posteriori, o gráfico mostra que enquanto 88% das mulheres afirma realizar trabalhos domésticos, menos da metade, 49%, dos homens despendem tempo trabalhando na esfera reprodutiva. Quando percebemos que 51 % dos homens não trabalham dentro de suas próprias casas, fica claro que esse trabalho não remunerado é destinado socialmente às mulheres, pois somente 12% delas, afirmam não cuidarem de afazeres domésticos.

Proporção entre homens e mulheres que cuidavam de afazeres domésticos, na semana de referência.



Fonte: PNAD, 2009.

Isso implica constatar que os dados referentes aos números de horas dedicadas aos afazeres domésticos serão, para os homens, de menos da metade da população

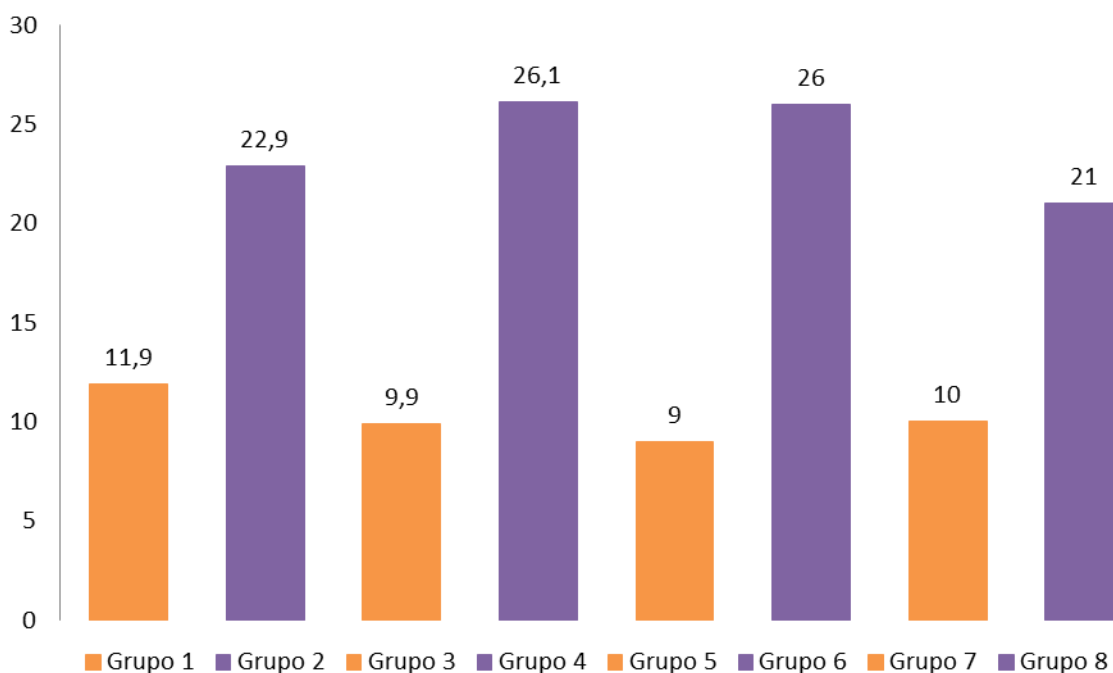
masculina, por outro lado, quase noventa por cento da população feminina brasileira. Os dados se tornam mais impactantes quando calculado a média das horas dedicadas a esses afazeres domésticos. A média geral encontrada a partir da análise dos dados da forma a qual foi proposta este trabalho indica que as mulheres dedicam 24 horas semanais aos cuidados da casa, ou seja, 88% das mulheres brasileiras que são chefes de famílias ou cônjuges gastam um dia completo, em média, somente cuidando do lar, dos filhos e demais pessoas que moram no domicílio.

Quando analisado a média do universo masculino, tem-se que 49% dos homens que são chefes de família e /ou cônjuges dedicam, em média 10,2 horas semanais aos afazeres domésticos.⁸ Vale notar, ainda, que segundo Perista (2002), as tarefas domésticas também são divididas de acordo com o sexo. Os homens realizam tarefas pontuais, como questões administrativas e não cotidianas, enquanto as mulheres trabalham diariamente nas atividades com lavar, passar, cozinhar e cuidar diretamente das crianças da família.

Com a finalidade de fragmentar esses dados em situações mais específicas, ou mais reais da sociedade, foi sugerida a criação de oito, sendo que serão agrupados dois a dois entre homens e mulheres. Como já mencionado acima, esses grupos são tipos de famílias e para efeitos estatísticos aqui usados, foram denominados de grupo 1, grupo2, grupo 3 e assim sucessivamente até grupo 8. Assim, o grupo 1 é o referente aos homens não casados e sem filhos, grupo 2 representa mulheres não casadas sem filhos; grupo 3, homens casados e sem filhos, grupo 4, mulheres casadas e sem filhos; grupo 5, homens casados e com filhos, grupo 6, mulheres casadas e com filhos; e, grupo 7 e 8, homens e mulheres não casados/as e com filhos, respectivamente.

⁸ Dados extraídos da PNAD 2009.

Comparação entre as médias de horas dedicadas ao afazeres domésticos, por grupos.



Fonte: PNAD, 2009.

A partir do gráfico 2 são bem nítidas as desigualdades em relação ao uso do tempo na sociedade brasileira. O importante desse indicador não são somente os números, mas sim o que esses números representam em questão de diferenças sociais, eles apresentam como é definida a dinâmica em relação ao trabalho não remunerado. Tem-se representados em dados a proporção da invisibilidade do trabalho reprodutivo, realizado em larga maioria pelas mulheres, enquanto os homens ainda focam o trabalho produtivo dito como mais essencial para a manutenção da sociedade.

As maiores médias percebidas, no caso das mulheres, são relativas às mulheres casadas com ou sem filhos, 26 horas de trabalho não remunerado, enquanto, as não casadas estão na faixa entre 21 e 22,9 horas. Se compararmos esses valores aos dos homens, também se percebe que é no conjunto casamento que eles apresentam médias mais baixas, variando entre 9,9 e 9. Com isso, é correto inferir que o fator casamento é

muito importante para as questões do uso do tempo. É no casamento que os homens apresentam mais tempo livre para atividades pessoais, em contrapartida, as mulheres possuem menos tempo livre para si.

Dados bastante válidos para essa análise estão nas tabelas, em anexo. No anexo 1, estão agrupados os grupos 1 e 2, homens e mulheres não casado/as e sem filhos. Escolhendo o número de horas de 10 horas, tanto para homens quanto para mulheres, tem-se que 58,5% dos homens já estão contemplados em até dez horas de tempo dedicado aos afazeres domésticos, já em relação às mulheres, somente 25,8% dessa população está inserida nesse conjunto de 10 horas de trabalho doméstico.

Na tabela do anexo 2, como também no anexo 3, é possível perceber algumas mudanças devido ao fator casamento, o qual já foi determinado como importante fator que provoca a desigualdade do uso do tempo. Nessas tabelas, se observado o número de 20 horas, para os homens, praticamente todos eles, em torno de 90%, já estão contidos no conjunto. Se observado as colunas referente às mulheres, tal proporção de 90 % do conjunto de pessoas somente é alcançada depois de 50 horas trabalhadas.

Por fim, na tabela do anexo 4, os dados voltam a se assemelhar com a primeira tabela citada. Vale notar que no conjunto dos homens, 10 horas equivale ao maior conjunto de pessoas relativo a essa quantidade de hora determinada, são 11% deles, enquanto, nas mulheres a maior proporção delas no mesmo grupo de horas é de 10,2% relativas a 20 horas dedicadas aos afazeres do lar, ou seja, o dobro das horas dedicadas aos mesmos fins pelos homens.

Para concluirmos essa fase desta monografia, serão apresentados valores referentes à dispersão das médias. A finalidade é, além de enfatizar os resultados obtidos, o de avaliar como se comportam essas medidas dispersivas na análise do uso do tempo. Pois, caso os dados apresentem um nível de dispersão muito alto, é provável que

outros fatores possam incidir nos resultados, fatores como, educação, raça e classe social.

Tabela 1 - Medidas de dispersões em relação às médias dos grupos.			
Grupos - Tabelas Homens		Grupos - Tabelas Mulheres	
	Horas		Horas
Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos - Grupo 1	11,9	Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos - Grupo 2	22,9
Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos - Grupo 3	9,9	Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos - Grupo 4	26,1
Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos - Grupo 5	9	Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos - Grupo 6	26
Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos - Grupo 7	10	Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos - Grupo 8	21
Média Geral	10,2	Média Geral	24
Mediana	9,95	Mediana	24,45
Desvio Padrão	1,06	Desvio Padrão	2,16
Coefficiente de Variação	10%	Coefficiente de Variação	9%

Fonte: PNAD 2009

De acordo com os dados descritos na tabela acima, é possível perceber que todas as medidas dispersivas em relação à média não apresentam valores discrepantes. A mediana do quadro dos homens é somente 0,25, o que provoca uma distribuição praticamente simétrica ou bastante próxima. O mesmo em relação à mediana do grupo das mulheres, no qual a diferença é de 0,45. Um pouco maior, pois os dados das mulheres variam mais em torno da média, principalmente devido ao fator casamento para elas.

Os valores dos desvios padrão também seguem a tendência apresentada pela mediana, uma vez que o desvio padrão das médias dos grupos dos é de somente 1,06 no grupo dos homens, e 2,16 no grupo das mulheres, essa diferença é explicada pela maior quantidade de números de horas nas tabelas das mulheres, como também de mais variância nos valores. Já em relação ao coeficiente de variação, os dois apresentam valores bem próximos, 10% e 9% para homens e mulheres, respectivamente. Esses

valores indicam que os dados relativos aos homens variam 10% do valor da média, enquanto o das mulheres 9%.

Com todos esses dados é possível afirmar que a principal diferença em como se dá o uso do tempo pelas pessoas, é o fator sexo. Ser mulher na sociedade brasileira implica ter uma carga horária alta dedicada aos cuidados do espaço reprodutivo. Somado a isso, o fator casamento também apresenta importante peso nessa distribuição desigual no uso do tempo. É importante ressaltar que outros fatores sociais como filhos e números de filhos, raça, anos de estudo, rendimento e até local de moradia, são muito importantes para os estudos do uso do tempo, contudo esta pesquisa procurou enfatizar quais são os principais fatores sociais que provocam as diferenças no uso do tempo por mulheres e homens no Brasil.

CONCLUSÃO

“O interesse crescente no valor do tempo inestimável se deve à insatisfação de muitos grupos sociais, especialmente as mulheres, dado que seu trabalho é escassamente visível na maioria das interpretações econômicas e políticas.” (DURÁN, 2010)

É com essa afirmação de Maria Ángeles Dúran que esta pesquisa chega a parte final. Pensar o valor do tempo nos dias atuais está mais que impetrado nas sociedades e é responsabilidade de todas as pessoas, homens e mulheres, e, inclusive papel dos poderes públicos de cada país impor condições que permitam a diminuição das desigualdades entre os sexos. A questão do uso do tempo é crucial para que pensemos o estado de bem estar de uma sociedade, contudo, quando os dados estatísticos são tão discrepantes, é importante perceber quão desigual se encontra essa mesma sociedade.

As mudanças vistas no decorrer do século XX, que tiveram origem nos períodos anteriores, mostram que o mundo está em constante dinâmica social e a cada dia valores e condições são atualizadas ou refeitas. Por isso, não é mais possível que se aceite que os níveis de desigualdades sejam presentes na sociedade como algo comum ou natural.

A aceitação do senso comum que o papel social da mulher advém de uma condição biológica ou até mesmo divina, já há algum tempo, tem se tornado discurso obsoleto e precisa ser revisto. E, com a entrada da mulher no mercado de trabalho comprova que as capacidades cognitivas entre elas e os homens são completamente iguais. Isso é percebido em todas as esferas da sociedade, como é percebido o contrário, homens são aptos a cuidar dos filhos e da casa.

O sexismo e o machismo mesmo ainda sendo ideias tão fortes e presentes na sociedade brasileira tem enfrentado duras batalhas e gradativamente vem perdendo o sentido e a força ideológica. Foi a partir do movimento feminista, iniciado nos centros

acadêmicos europeus e norte americano, que se passou a desenvolver a teoria que visa acabar, para além da discriminação da mulher na sociedade, com as desigualdades sentidas nas diversas esferas sociais.

A mulher brasileira é discriminada no mercado de trabalho como é percebido pelos dados oficiais e esses apontam que mesmo possuindo mais anos de estudos em comparação aos homens, as mulheres ainda ganham proporcionalmente bem menos que eles, se comparado mesmos cargos e condições, cerca de 75% do rendimento dos homens.⁹

Esse processo é reflexo de toda a literatura aqui apresentada, uma vez que é destinado todo o trabalho do lar, a criação dos filhos e o cuidado com idosos e doentes. É uma condição que, pelo fato de ter nascido mulher, já a coloca em questão de desigualdade para com o homem. Além disso, por gerar e dar o nascimento aos filhos implica que as necessidades de cuidados no início da vida da criança são obrigações únicas das mulheres. Isso é notado pelas leis trabalhistas brasileiras, nas quais às mulheres são destinados de quatro a seis meses de licença, enquanto os homens possuem somente alguns dias.

Somado a esses fatores, tem-se a invisibilidade de todo esse trabalho realizado pelas mulheres. São milhares de mulheres no campo ou nas cidades, nas periferias ou nos centros urbanos, ricas ou pobres, negras ou brancas que realizam uma quantidade incontável de trabalho, que é repleto de estigmas e carregado de preconceitos. O fato de ser um trabalho não remunerado confere ao trabalho doméstico como um trabalho não trabalho. Ou seja, quem é dona de casa, é percebida socialmente como se não

⁹ IBGE, 2009.

trabalhasse e isso é impregnado de constrangimento social, uma vez que o trabalho produtivo é recompensado, tanto financeiramente quanto socialmente.

São essas diferenças de percepções sociais que causam as demais desigualdades sociais, no que decorre a autonomia da mulher brasileira. Esta enfrenta dificuldades para adentrar no mercado de trabalho, e quando o consegue é destinada ao trabalho precário e mal remunerado. Existe ainda a dificuldade de se manter nesse mercado, ao passo que com a dupla jornada de trabalho, essas mulheres precisam trabalhar muito mais horas que os homens.

Como visto, as mulheres, em média, gastam 24 horas, por semana, em afazeres domésticos, enquanto os homens, um pouco mais de 10 horas. Se for pensado que são somente quatorze horas a mais, fica inviável de quantificar o que cada mulher realiza em trabalho para a manutenção da sociedade com ou todo. São quatorze horas multiplicadas por milhões de brasileiras que cozinham, lavam, passam, varrem, criam e cuidam do resto de todas as pessoas que compõem as famílias brasileiras.

É com isso que essa pesquisa conclui que a variável sexo é a mais importante no que tange as diferenças sobre o uso do tempo. A partir da conceitualização das relações sociais do sexo e da divisão sexual do trabalho fica claro que as desigualdades no trato entre homens e mulheres, comprovadas pelos indicadores sociais, são existentes e permanentes na sociedade brasileira.

É necessário levar em conta também que, nesse conjunto de dados usados nessa pesquisa, a variável casamento é um importante fator nas diferenças do uso do tempo, contudo não tão forte quando o fator sexo. De acordo com os números apontados, as mulheres casadas possuem menos tempo livre ainda para cuidados pessoais consigo mesmas. A situação dos homens casados se mostra confortável, pois além de possuir mais horas livres para realizar atividades de seu gosto, se encontra em uma posição

hierárquica acima da mulher, pois realiza o trabalho produtivo, que é reconhecido e bem estimado socialmente.

Essa pesquisa apresentou dificuldades em detalhar a variável “filhos” como estruturante na desigualdade entre homens e mulheres. Pela literatura pesquisada, a questão de um casal ter ou não filhos e, também, a faixa etária desses filhos pesa bastante para as mulheres, uma vez que as tarefas dentro de casa aumentam consideravelmente. Os dados usados não permitiram demonstrar essa questão estatisticamente, contudo pode ser desconsiderado como fator de desigualdade.

Isso permite propor que as pesquisas sobre os usos do tempo são fundamentais para que consiga perceber como se é a dinâmica social de uma população. Essas pesquisas permitem a inferência de fatores sociais que vão além dos aqui percebidos, como classe e raça, e com isso, é possível elaborar e implementar novos modelos e políticas públicas que tendam a superar esses paradigmas sociais em torno das questões de gênero.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIRRE, Rosário. “*Uso del tempo y trabajo no remunerado en el Uruguay*”. Módulo de la encuesta continua de hogares. Uruguay, 2008.

_____ “*Uso del tiempo y desigualdades de género.*” In: AGUIRRE, Rosário. “*Las bases invisibles del bienestar social*”. Dobleclíc Editoras. Uruguay, 2009.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Orgs). “*Gênero, família e trabalho no Brasil.*” Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BARBETTA, Pedro Alberto. “*Estatística aplicada às Ciências Sociais.*” 5ª edição. Editora da UFSC, 2005.

BRUSCHINI, Maria. “*Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos*”. Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, pp 537-572, 2007.

_____ “*Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado?*”. In: ARAÚJO, Clara; PIKANÇO, Felícia; e, SCALON, Celi (org). *Novas conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada.* Bauru/SP: Edusc, 2007.

_____ “*Trabalho Feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?*”. Latin American Studies Association, 1998. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Bruschini.pdf>

DEDECCA, Cláudio. “Tempo, trabalho e gênero no Brasil.” In.: COSTA, Ana et al. (orgs). *Regonfiguração das relações de gênero no trabalho.* São Paulo: CUT. Brasil, 2004. P 21-52.

DURAN, María Ángeles. “O valor do tempo: quantas horas te faltam ao dia?”. Brasília, SPM, 2010.

DURKHEIM, Émile. *“Da divisão do trabalho social.”* 2ª edição. São Paulo. Martins Fonte, 1999.

FONTOURA, Natália; PINHEIRO, Luana; GALIZA, Marcelo; VASCONCELOS, Márcia. “Pesquisas do uso do tempo no Brasil: contribuição para a formulação de políticas públicas de conciliação entre trabalho, família e vida pessoal.” *Revista Econômica*, Rio de Janeiro. V.12, pp. 11-46, 2010.

FUNDAÇÃO Carlos Chagas (FCC). “Mulheres, trabalho e família”. Versão 2007. São Paulo: FCC, 2007. Disponível em http://www.fcc.org.br/bdmulheres/download/Trabalho_e_Familia_2007.pdf.

FUWA, Makiko. “Macro-level Gender Inequality and the Division of Household Labor in 22 Countries”. *American Sociological Review*, 2004, v. 69, pp751-767, 2003.

HARVEY, Andrew; PENTLAND, Wendy. *“Time use research in the social sciences.”* Kluwer Academic Publishers. New York, 2002.

HIRATA, Helena. “Globalização e divisão sexual do trabalho”. *Cadernos Pagu*, v.17/18, pp139-156, 2001.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danielle. “Novas Configurações da divisão sexual do trabalho”. *Caderno de Pesquisa*, v.37, n.132, pg. 595-609, set/dez/2007.

IBGE. “Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2009”. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KERGOAT, Danielle. “Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo.” In: HIRATA, Helena; LABOIRE, Françoise; Doaré, Hélène; e Senotier, Danièle. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo. Ed. Unesp, 2009.

HIRATA, Helena; ZAIFIAN, Philippe. “O Conceito de Trabalho”. PUF, Paris, 2000.
Traduzido por Miriam Nobre.

MEDEIROS, Marcelo; COSTA, Joana. “The ‘feminisation of poverty’: a widespread phenomenon?” *The International Handbook of Gender and Poverty*, pp.95-100, 2010.

MEDEIROS, Marcelo; OSÓRIO, Rafael; COSTA, Joana. “Time Use, Inequality and Well-being”. International Poverty Centre. *Poverty In Focus*, pp.26-27, 2007.

MEDEIROS, Marcelo; OSÓRIO, Rafael; COSTA, Joana. “Gender inequalities in allocating time to paid and unpaid work: evidence from Bolivia.” New York, USA: The Levy Economics Institute, 2007. (Working Paper n. 495)

MEDEIROS, Marcelo; OSÓRIO, Rafael; COSTA, Joana. “Time deprivation or time poverty: a pragmatic definition with application to Brazil”. Mimeo,s/d.

NEUBERT, Luiz; AGUIAR, Neuma. “A relação entre gênero e o tempo de lazer entre os indivíduos economicamente ativos na capital mineira”. *Fazendo Gênero* 9, 2010.

PERISTA, Heloísa. “Gênero e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens.” *Análise Social*, v. 163, pp 447-474, 2002.

PINHEIRO, Luana et al. “*Retratos das desigualdades de gênero e raça.*” 4 edição. Brasília: IPEA;SPM; UNIFEM, 2011.

RAMOS, Daniela Peixoto. “Pesquisas de uso do tempo: um instrumento para aferir as desigualdades de gênero”. *Revista Estudos Feministas*, v.17, n.3, pg. 861-870, 2009.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica.” *Educação e Sociedade*. Porto Alegre, v.20,n.2, pp 71-99, 1995.

VASCONCELOS, Márcia. “Responsabilidades Familiares”. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*, n.1, pg.36-43, Brasília; SPM, 2009.

ANEXOS

ANEXO 1 - Homens X Mulheres não casados e sem filhos - comparação de horas dedicadas aos afazeres domésticos.

Número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos - Grupo 1 Homens							Número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos - Grupo 2 Mulheres						
Horas	Variância	Freq	Peso	Média Ponderada	%	% Acum	Horas	Variância	Freq	Peso	Média Ponderada	%	% Acum
1	119,3	452	0,027	0,027	2,7	2,7	1	477,25	91502	0,006	0,006	,6	,6
2	98,5	919	0,054	0,108	5,4	8,1	2	434,56	240264	0,015	0,029	1,5	2,0
3	79,6	782	0,046	0,138	4,6	12,7	3	393,86	257030	0,016	0,047	1,6	3,6
4	62,8	855	0,050	0,201	5,0	17,7	4	355,17	331856	0,020	0,081	2,0	5,6
5	47,9	1279	0,075	0,376	7,5	25,2	5	318,48	464760	0,028	0,142	2,8	8,4
6	35,1	672	0,039	0,237	3,9	29,1	6	283,79	327224	0,020	0,120	2,0	10,4
7	24,2	2179	0,128	0,896	12,8	41,9	7	251,10	826931	0,050	0,353	5,0	15,5
8	15,4	592	0,035	0,278	3,5	45,4	8	220,40	365576	0,022	0,178	2,2	17,7
9	8,5	68	0,004	0,036	,4	45,8	9	191,71	38033	0,002	0,021	,2	17,9
10	3,7	2158	0,127	1,268	12,7	58,5	10	165,02	1297787	0,079	0,790	7,9	25,8
11	0,9	29	0,002	0,019	,2	58,7	11	140,33	17339	0,001	0,012	,1	25,9
12	0,0	518	0,030	0,365	3,0	61,7	12	117,64	439057	0,027	0,321	2,7	28,6
13	1,2	37	0,002	0,028	,2	61,9	13	96,94	24654	0,002	0,020	,2	28,8
14	4,3	1837	0,108	1,511	10,8	72,7	14	78,25	1338354	0,082	1,141	8,2	36,9
15	9,5	797	0,047	0,703	4,7	77,4	15	61,56	778367	0,047	0,711	4,7	41,7
16	16,6	122	0,007	0,115	,7	78,1	16	46,87	137457	0,008	0,134	,8	42,5
17	25,8	12	0,001	0,012	,1	78,2	17	34,18	16389	0,001	0,017	,1	42,6
18	36,9	146	0,009	0,154	,9	79,1	18	23,48	187176	0,011	0,205	1,1	43,7
19	50,1	13	0,001	0,015	,1	79,1	19	14,79	10580	0,001	0,012	,1	43,8
20	65,2	1315	0,077	1,546	7,7	86,9	20	8,10	1770704	0,108	2,157	10,8	54,6
21	82,4	619	0,036	0,764	3,6	90,5	21	3,41	942515	0,057	1,206	5,7	60,3
22	101,5	20	0,001	0,026	,1	90,6	22	0,72	45622	0,003	0,061	,3	60,6
23	122,7	7	0,000	0,009	,0	90,7	23	0,02	14599	0,001	0,020	,1	60,7
24	145,9	86	0,005	0,121	,5	91,2	24	1,33	230067	0,014	0,336	1,4	62,1
25	171,0	190	0,011	0,279	1,1	92,3	25	4,64	455578	0,028	0,694	2,8	64,9
26	198,2	25	0,001	0,038	,1	92,4	26	9,95	42350	0,003	0,067	,3	65,1
27	227,3	2	0,000	0,003	,0	92,4	27	17,26	12684	0,001	0,021	,1	65,2
28	258,5	353	0,021	0,581	2,1	94,5	28	26,56	868377	0,053	1,481	5,3	70,5
29	291,6	1	0,000	0,002	,0	94,5	29	37,87	4870	0,000	0,009	,0	70,5
30	326,8	387	0,023	0,682	2,3	96,8	30	51,18	1193810	0,073	2,181	7,3	77,8

32	403,1	16	0,001	0,030	,1	96,9	31	66,49	4265	0,000	0,008	,0	77,8
33	444,2	1	0,000	0,002	,0	96,9	32	83,80	60660	0,004	0,118	,4	78,2
34	487,4	1	0,000	0,002	,0	96,9	33	103,10	3672	0,000	0,007	,0	78,2
35	532,5	142	0,008	0,292	,8	97,7	34	124,41	7480	0,000	0,015	,0	78,3
36	579,7	42	0,002	0,089	,2	98,0	35	147,72	666595	0,041	1,421	4,1	82,3
38	680,0	1	0,000	0,002	,0	98,0	36	173,03	171464	0,010	0,376	1,0	83,4
39	733,2	1	0,000	0,002	,0	98,0	37	200,34	1402	0,000	0,003	,0	83,4
40	788,3	136	0,008	0,320	,8	98,8	38	229,64	20330	0,001	0,047	,1	83,5
42	904,6	43	0,003	0,106	,3	99,0	39	260,95	1914	0,000	0,005	,0	83,5
44	1028,9	5	0,000	0,013	,0	99,1	40	294,26	831415	0,051	2,026	5,1	88,6
45	1094,1	11	0,001	0,029	,1	99,1	41	329,57	850	0,000	0,002	,0	88,6
47	1230,4	1	0,000	0,003	,0	99,1	42	366,88	340824	0,021	0,872	2,1	90,6
48	1301,5	23	0,001	0,065	,1	99,3	43	406,18	2599	0,000	0,007	,0	90,7
49	1374,7	9	0,001	0,026	,1	99,3	44	447,49	53988	0,003	0,145	,3	91,0
50	1449,9	27	0,002	0,079	,2	99,5	45	490,80	83589	0,005	0,229	,5	91,5
52	1606,2	1	0,000	0,003	,0	99,5	46	536,11	14861	0,001	0,042	,1	91,6
53	1687,3	1	0,000	0,003	,0	99,5	47	583,42	2210	0,000	0,006	,0	91,6
54	1770,5	1	0,000	0,003	,0	99,5	48	632,72	172359	0,010	0,504	1,0	92,7
55	1855,6	2	0,000	0,006	,0	99,5	49	684,03	67171	0,004	0,200	,4	93,1
56	1942,8	32	0,002	0,105	,2	99,7	50	737,34	259353	0,016	0,790	1,6	94,6
60	2311,4	16	0,001	0,056	,1	99,8	51	792,65	240	0,000	0,001	,0	94,6
63	2608,9	2	0,000	0,007	,0	99,8	52	849,96	20140	0,001	0,064	,1	94,8
70	3372,9	18	0,001	0,074	,1	99,9	53	909,26	2848	0,000	0,009	,0	94,8
72	3609,2	2	0,000	0,008	,0	99,9	54	970,57	22162	0,001	0,073	,1	94,9
80	4634,5	2	0,000	0,009	,0	99,9	55	1033,88	12470	0,001	0,042	,1	95,0
84	5195,1	4	0,000	0,020	,0	100,0	56	1099,19	306296	0,019	1,045	1,9	96,9
90	6096,0	1	0,000	0,005	,0	100,0	57	1166,50	1582	0,000	0,005	,0	96,9
98	7409,2	4	0,000	0,023	,0	100,0	58	1235,80	4217	0,000	0,015	,0	96,9
Total	59763,4	17017	53,0	11,9	100,0		59	1307,11	618	0,000	0,002	,0	96,9
							60	1380,42	138339	0,008	0,506	,8	97,7
							62	1533,04	1170	0,000	0,004	,0	97,8
							63	1612,34	15289	0,001	0,059	,1	97,8
							64	1693,65	11544	0,001	0,045	,1	97,9
							65	1776,96	7144	0,000	0,028	,0	98,0
							66	1862,27	1835	0,000	0,007	,0	98,0
							67	1949,58	243	0,000	0,001	,0	98,0
							70	2223,50	192654	0,012	0,821	1,2	99,1
							72	2416,12	17367	0,001	0,076	,1	99,3

73	2515,42	510	0,000	0,002	,0	99,3
74	2616,73	584	0,000	0,003	,0	99,3
75	2720,04	2227	0,000	0,010	,0	99,3
76	2825,35	2094	0,000	0,010	,0	99,3
77	2932,66	10282	0,001	0,048	,1	99,3
78	3041,96	1180	0,000	0,006	,0	99,4
80	3266,58	14666	0,001	0,071	,1	99,4
82	3499,20	1248	0,000	0,006	,0	99,5
84	3739,81	45512	0,003	0,233	,3	99,7
85	3863,12	2895	0,000	0,015	,0	99,7
90	4509,66	10495	0,001	0,058	,1	99,8
91	4644,97	1489	0,000	0,008	,0	99,8
94	5062,89	990	0,000	0,006	,0	99,8
95	5206,20	244	0,000	0,001	,0	99,8
96	5351,51	1018	0,000	0,006	,0	99,8
98	5648,13	27422	0,002	0,164	,2	100,0
Total	98021,73	16417527		22,85	100,0	

ANEXO 2- Homens X Mulheres casados e sem filhos - comparação de horas dedicadas aos afazeres domésticos.

Número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos - Grupo 3 Homens							Número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos - Grupo 4 Mulheres						
Horas	Variância	Freq	Peso	Média Ponderada	%	% Acum	Horas	Variância	Freq	Peso	Média Ponderada	%	% Acum
1	79,59	571164	0,040	0,04	4,0	4,0	1	596,58	117114	0,005	0,005	,4	,4
2	62,75	1112854	0,077	0,15	7,7	11,7	2	548,73	323215	0,013	0,025	1,2	1,7
3	47,90	926173	0,064	0,19	6,4	18,2	3	502,88	319838	0,012	0,037	1,2	2,9
4	35,06	851711	0,059	0,24	5,9	24,1	4	459,03	392849	0,015	0,061	1,5	4,4
5	24,22	1341772	0,093	0,47	9,3	33,4	5	417,18	586620	0,023	0,114	2,2	6,7
6	15,38	657980	0,046	0,27	4,6	38,0	6	377,33	398501	0,016	0,093	1,5	8,2
7	8,53	2066378	0,144	1,01	14,4	52,4	7	339,48	937604	0,037	0,256	3,6	11,8
8	3,69	533323	0,037	0,30	3,7	56,1	8	303,63	424774	0,017	0,132	1,6	13,4
9	0,85	54654	0,004	0,03	,4	56,5	9	269,78	60057	0,002	0,021	,2	13,6
10	0,01	1857526	0,129	1,29	12,9	69,4	10	237,93	1691890	0,066	0,659	6,5	20,1
11	1,16	19476	0,001	0,01	,1	69,6	11	208,08	29444	0,001	0,013	,1	20,2
12	4,32	450215	0,031	0,38	3,1	72,7	12	180,23	574636	0,022	0,269	2,2	22,4
13	9,48	23159	0,002	0,02	,2	72,9	13	154,38	34052	0,001	0,017	,1	22,5
14	16,64	1289114	0,090	1,26	9,0	81,9	14	130,53	1714511	0,067	0,935	6,6	29,1
15	25,79	550926	0,038	0,58	3,8	85,7	15	108,68	1121459	0,044	0,655	4,3	33,4
16	36,95	77660	0,005	0,09	,5	86,2	16	88,83	191829	0,007	0,120	,7	34,1
17	50,11	7384	0,001	0,01	,1	86,3	17	70,98	17272	0,001	0,011	,1	34,2
18	65,27	92001	0,006	0,12	,6	86,9	18	55,13	303391	0,012	0,213	1,2	35,4
19	82,42	4698	0,000	0,01	,0	87,0	19	41,28	16692	0,001	0,012	,1	35,4
20	101,58	666370	0,046	0,93	4,6	91,6	20	29,43	2683048	0,104	2,090	10,3	45,7
21	122,74	353077	0,025	0,52	2,5	94,1	21	19,58	1410261	0,055	1,153	5,4	51,1
22	145,90	16137	0,001	0,02	,1	94,2	22	11,73	85757	0,003	0,073	,3	51,4
23	171,05	4768	0,000	0,01	,0	94,2	23	5,88	31829	0,001	0,029	,1	51,5
24	198,21	50878	0,004	0,09	,4	94,5	24	2,03	377051	0,015	0,352	1,4	53,0
25	227,37	95634	0,007	0,17	,7	95,2	25	0,18	793622	0,031	0,773	3,0	56,0
26	258,53	14258	0,001	0,03	,1	95,3	26	0,33	86457	0,003	0,088	,3	56,4
27	291,68	2356	0,000	0,00	,0	95,3	27	2,48	23194	0,001	0,024	,1	56,4
28	326,84	161701	0,011	0,32	1,1	96,5	28	6,63	1371951	0,053	1,496	5,3	61,7
29	364,00	962	0,000	0,00	,0	96,5	29	12,78	12251	0,000	0,014	,0	61,7
30	403,16	164672	0,011	0,34	1,1	97,6	30	20,93	2209271	0,086	2,581	8,5	70,2
31	444,31	395	0,000	0,00	,0	97,6	31	31,08	9539	0,000	0,012	,0	70,2
32	487,47	9319	0,001	0,02	,1	97,7	32	43,23	117915	0,005	0,147	,5	70,7
33	532,63	634	0,000	0,00	,0	97,7	33	57,38	7664	0,000	0,010	,0	70,7

34	579,79	480	0,000	0,00	,0	97,7	34	73,53	18946	0,001	0,025	,1	70,8
35	628,94	85143	0,006	0,21	,6	98,3	35	91,68	1284821	0,050	1,751	4,9	75,7
36	680,10	18982	0,001	0,05	,1	98,4	36	111,83	301840	0,012	0,423	1,2	76,9
38	788,42	1455	0,000	0,00	,0	98,4	37	133,98	6660	0,000	0,010	,0	76,9
40	904,73	83072	0,006	0,23	,6	99,0	38	158,13	65318	0,003	0,097	,3	77,1
42	1029,05	33800	0,002	0,10	,2	99,2	39	184,28	5873	0,000	0,009	,0	77,2
43	1094,20	1406	0,000	0,00	,0	99,2	40	212,43	1628913	0,063	2,537	6,2	83,4
44	1161,36	2228	0,000	0,01	,0	99,3	41	242,58	5603	0,000	0,009	,0	83,4
45	1230,52	7941	0,001	0,02	,1	99,3	42	274,73	715713	0,028	1,171	2,7	86,2
46	1301,68	2420	0,000	0,01	,0	99,3	43	308,88	2614	0,000	0,004	,0	86,2
48	1449,99	13646	0,001	0,05	,1	99,4	44	345,03	115762	0,005	0,198	,4	86,6
49	1527,15	6612	0,000	0,02	,0	99,5	45	383,18	199462	0,008	0,350	,8	87,4
50	1606,31	25377	0,002	0,09	,2	99,7	46	423,33	38814	0,002	0,070	,1	87,5
52	1770,62	2404	0,000	0,01	,0	99,7	47	465,48	3967	0,000	0,007	,0	87,5
54	1942,94	1244	0,000	0,00	,0	99,7	48	509,63	432610	0,017	0,809	1,7	89,2
55	2032,09	1159	0,000	0,00	,0	99,7	49	555,78	147929	0,006	0,282	,6	89,8
56	2123,25	15726	0,001	0,06	,1	99,8	50	603,93	598456	0,023	1,165	2,3	92,1
60	2507,88	6527	0,000	0,03	,0	99,8	51	654,08	1077	0,000	0,002	,0	92,1
62	2712,20	970	0,000	0,00	,0	99,8	52	706,23	49496	0,002	0,100	,2	92,2
63	2817,35	1632	0,000	0,01	,0	99,9	53	760,38	4727	0,000	0,010	,0	92,3
64	2924,51	1358	0,000	0,01	,0	99,9	54	816,53	51655	0,002	0,109	,2	92,5
70	3609,46	9586	0,001	0,05	,1	99,9	55	874,68	27599	0,001	0,059	,1	92,6
72	3853,77	966	0,000	0,00	,0	99,9	56	934,83	681601	0,027	1,486	2,6	95,2
74	4106,09	240	0,000	0,00	,0	99,9	57	996,98	3350	0,000	0,007	,0	95,2
75	4235,24	223	0,000	0,00	,0	99,9	58	1061,13	8853	0,000	0,020	,0	95,2
77	4499,56	510	0,000	0,00	,0	99,9	59	1127,28	244	0,000	0,001	,0	95,2
80	4911,03	1563	0,000	0,01	,0	100,0	60	1195,43	355870	0,014	0,831	1,4	96,6
82	5195,35	237	0,000	0,00	,0	100,0	62	1337,73	6261	0,000	0,015	,0	96,6
84	5487,66	2372	0,000	0,01	,0	100,0	63	1411,88	42407	0,002	0,104	,2	96,8
90	6412,61	597	0,000	0,00	,0	100,0	64	1488,02	20652	0,001	0,051	,1	96,9
98	7757,87	2939	0,000	0,02	,0	100,0	65	1566,17	22500	0,001	0,057	,1	96,9
Total	87.527,29	14362144		9,92	100,0		66	1646,32	2654	0,000	0,007	,0	96,9
							71	2077,07	197	0,000	0,001	,0	98,6
							72	2169,22	37716	0,001	0,106	,1	98,8
							74	2359,52	2388	0,000	0,007	,0	98,8
							75	2457,67	5884	0,000	0,017	,0	98,8
							76	2557,82	6120	0,000	0,018	,0	98,8
							77	2659,97	12163	0,000	0,036	,0	98,9
							78	2764,12	5351	0,000	0,016	,0	98,9

80	2978,42	63374	0,002	0,197	,2	99,2
81	3088,57	510	0,000	0,002	,0	99,2
82	3200,72	3983	0,000	0,013	,0	99,2
84	3431,02	108830	0,004	0,356	,4	99,6
85	3549,17	4114	0,000	0,014	,0	99,6
86	3669,32	2432	0,000	0,008	,0	99,6
87	3791,47	395	0,000	0,001	,0	99,6
88	3915,62	1898	0,000	0,007	,0	99,6
90	4169,92	23687	0,001	0,083	,1	99,7
91	4300,07	6878	0,000	0,024	,0	99,7
92	4432,22	244	0,000	0,001	,0	99,7
94	4702,52	1389	0,000	0,005	,0	99,7
95	4840,67	1337	0,000	0,005	,0	99,8
96	4980,82	5493	0,000	0,021	,0	99,8
97	5122,97	593	0,000	0,002	,0	99,8
98	5267,12	58090	0,002	0,222	,2	100,0
Total	109.476,47	25680871		25,43	100,0	

ANEXO 3 - Homens X Mulheres casados e com filhos - comparação de horas dedicadas aos afazeres domésticos.

Número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos - Grupo 5 Homens							Número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos - Grupo 6 Mulheres						
Horas	Variância	Freq	Peso	Média Ponderada	%	% Acum	Horas	Variância	Freq	Peso	Média Ponderada	%	% Acum
1	69	658895	0,045	0,045	4,5	4,5	1	638	194017	0,007	0,007	,7	,7
2	53	1272599	0,087	0,174	8,7	13,2	2	588	356791	0,014	0,027	1,4	2,1
3	39	999863	0,068	0,205	6,8	20,1	3	541	358169	0,014	0,041	1,4	3,5
4	28	962422	0,066	0,263	6,6	26,6	4	495	376948	0,014	0,057	1,4	4,9
5	18	1381634	0,095	0,473	9,5	36,1	5	452	634329	0,024	0,120	2,4	7,3
6	11	669675	0,046	0,275	4,6	40,7	6	410	404969	0,015	0,092	1,5	8,8
7	5	2105555	0,144	1,008	14,4	55,1	7	371	1125213	0,043	0,299	4,3	13,1
8	2	565896	0,039	0,310	3,9	59,0	8	333	357256	0,014	0,108	1,4	14,5
9	0	70703	0,005	0,044	,5	59,4	9	298	50914	0,002	0,017	,2	14,6
10	1	1847064	0,126	1,264	12,6	72,1	10	264	1560587	0,059	0,592	5,9	20,6
11	3	19869	0,001	0,015	,1	72,2	11	233	21039	0,001	0,009	,1	20,7
12	7	451505	0,031	0,371	3,1	75,3	12	203	589733	0,022	0,269	2,2	22,9
13	14	18335	0,001	0,016	,1	75,4	13	176	30714	0,001	0,015	,1	23,0
14	22	1203338	0,082	1,153	8,2	83,7	14	150	1760657	0,067	0,936	6,7	29,7
15	33	547381	0,037	0,562	3,7	87,4	15	127	1062000	0,040	0,605	4,0	33,7
16	45	96243	0,007	0,105	,7	88,1	16	105	211346	0,008	0,128	,8	34,5
17	60	10110	0,001	0,012	,1	88,1	17	86	25811	0,001	0,017	,1	34,6
18	76	91022	0,006	0,112	,6	88,8	18	68	333001	0,013	0,228	1,3	35,9
19	94	2227	0,000	0,003	,0	88,8	19	53	15422	0,001	0,011	,1	35,9
20	115	597195	0,041	0,817	4,1	92,9	20	39	2537321	0,096	1,926	9,6	45,6
21	137	332480	0,023	0,478	2,3	95,1	21	28	1390661	0,053	1,109	5,3	50,9
22	162	10921	0,001	0,016	,1	95,2	22	18	73680	0,003	0,062	,3	51,1
23	188	3829	0,000	0,006	,0	95,2	23	11	29636	0,001	0,026	,1	51,2
24	217	48502	0,003	0,080	,3	95,6	24	5	388269	0,015	0,354	1,5	52,7
25	247	101295	0,007	0,173	,7	96,3	25	2	785056	0,030	0,745	3,0	55,7
26	280	20531	0,001	0,037	,1	96,4	26	0	106298	0,004	0,105	,4	56,1
27	314	2504	0,000	0,005	,0	96,4	27	1	30969	0,001	0,032	,1	56,2
28	350	145782	0,010	0,279	1,0	97,4	28	3	1436164	0,055	1,527	5,5	61,7
29	389	1357	0,000	0,003	,0	97,4	29	8	16385	0,001	0,018	,1	61,7
30	429	141317	0,010	0,290	1,0	98,4	30	14	2114288	0,080	2,408	8,0	69,8
32	516	6750	0,000	0,015	,0	98,4	31	23	7688	0,000	0,009	,0	69,8
33	563	745	0,000	0,002	,0	98,4	32	33	132532	0,005	0,161	,5	70,3

34	611	1175	0,000	0,003	,0	98,4	33	46	9639	0,000	0,012	,0	70,3
35	661	68917	0,005	0,165	,5	98,9	34	60	26129	0,001	0,034	,1	70,4
36	714	12828	0,001	0,032	,1	99,0	35	77	1337826	0,051	1,778	5,1	75,5
38	825	352	0,000	0,001	,0	99,0	36	95	329175	0,012	0,450	1,2	76,8
39	883	512	0,000	0,001	,0	99,0	37	116	7598	0,000	0,011	,0	76,8
40	944	54401	0,004	0,149	,4	99,4	38	138	57561	0,002	0,083	,2	77,0
41	1006	1259	0,000	0,004	,0	99,4	39	163	5460	0,000	0,008	,0	77,0
42	1071	23572	0,002	0,068	,2	99,6	40	189	1563716	0,059	2,374	5,9	83,0
44	1205	1593	0,000	0,005	,0	99,6	41	218	11592	0,000	0,018	,0	83,0
45	1276	6101	0,000	0,019	,0	99,6	42	248	714444	0,027	1,139	2,7	85,7
48	1499	10751	0,001	0,035	,1	99,7	43	281	4151	0,000	0,007	,0	85,7
49	1578	4205	0,000	0,014	,0	99,7	44	315	113464	0,004	0,190	,4	86,2
50	1658	13609	0,001	0,047	,1	99,8	45	352	217913	0,008	0,372	,8	87,0
52	1825	973	0,000	0,003	,0	99,8	46	390	42735	0,002	0,075	,2	87,2
54	2000	1926	0,000	0,007	,0	99,8	47	431	4436	0,000	0,008	,0	87,2
56	2183	8377	0,001	0,032	,1	99,9	48	473	394203	0,015	0,718	1,5	88,7
60	2572	4822	0,000	0,020	,0	99,9	49	518	171302	0,007	0,319	,7	89,3
64	2994	509	0,000	0,002	,0	99,9	50	564	606084	0,023	1,150	2,3	91,6
65	3105	593	0,000	0,003	,0	99,9	51	612	3584	0,000	0,007	,0	91,6
70	3687	5857	0,000	0,028	,0	100,0	52	663	46683	0,002	0,092	,2	91,8
77	4586	597	0,000	0,003	,0	100,0	53	715	3395	0,000	0,007	,0	91,8
80	5001	962	0,000	0,005	,0	100,0	54	770	54852	0,002	0,112	,2	92,0
84	5583	2374	0,000	0,014	,0	100,0	55	826	41520	0,002	0,087	,2	92,2
90	6516	400	0,000	0,002	,0	100,0	56	885	653214	0,025	1,389	2,5	94,7
98	7871	1594	0,000	0,011	,0	100,0	57	945	3957	0,000	0,009	,0	94,7
Total	66339	14615803		9,28	100,0		58	1008	19376	0,001	0,043	,1	94,8
							59	1072	2073	0,000	0,005	,0	94,8
							60	1139	402857	0,015	0,918	1,5	96,3
							61	1207	521	0,000	0,001	,0	96,3
							62	1278	10719	0,000	0,025	,0	96,3
							63	1350	49895	0,002	0,119	,2	96,5
							64	1425	23130	0,001	0,056	,1	96,6
							65	1501	23071	0,001	0,057	,1	96,7
							66	1580	3607	0,000	0,009	,0	96,7
							68	1743	5705	0,000	0,015	,0	96,7
							69	1827	1575	0,000	0,004	,0	96,7
							70	1914	475405	0,018	1,263	1,8	98,5
							71	2002	1046	0,000	0,003	,0	98,6
							72	2093	36455	0,001	0,100	,1	98,7

73	2185	617	0,000	0,002	,0	98,7
74	2280	7162	0,000	0,020	,0	98,7
75	2376	8478	0,000	0,024	,0	98,8
76	2475	3452	0,000	0,010	,0	98,8
77	2575	13595	0,001	0,040	,1	98,8
78	2678	4447	0,000	0,013	,0	98,8
80	2889	54181	0,002	0,165	,2	99,0
82	3108	2108	0,000	0,007	,0	99,0
83	3220	522	0,000	0,002	,0	99,1
84	3335	133364	0,005	0,425	,5	99,6
85	3451	3610	0,000	0,012	,0	99,6
86	3570	1796	0,000	0,006	,0	99,6
88	3813	613	0,000	0,002	,0	99,6
90	4064	28752	0,001	0,098	,1	99,7
91	4192	2664	0,000	0,009	,0	99,7
92	4323	896	0,000	0,003	,0	99,7
94	4590	1985	0,000	0,007	,0	99,7
95	4726	4143	0,000	0,015	,0	99,7
96	4865	4145	0,000	0,015	,0	99,7
97	5005	962	0,000	0,004	,0	99,7
98	5148	67101	0,003	0,250	,3	100,0
Total	111870	26342524		26	100,0	

ANEXO 4 - Homens X Mulheres não casados e com filhos - comparação de horas dedicadas aos afazeres domésticos.

Número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos - Grupo 7 Homens							Número de horas que dedicava normalmente por semana aos afazeres domésticos - Grupo 8 Mulheres						
Horas	Variância	Freq	Peso	Média Ponderada	%	% Acum	Horas	Variância	Freq	Peso	Média Ponderada	%	% Acum
1	86	87168	0,054	0,054	5,4	5,4	1	419	57662	0,011	0,011	1,1	1,1
2	68	121351	0,075	0,150	7,5	12,9	2	379	90573	0,017	0,033	1,7	2,7
3	53	111453	0,069	0,206	6,9	19,7	3	341	101325	0,018	0,055	1,8	4,5
4	39	93319	0,058	0,230	5,8	25,5	4	305	104904	0,019	0,076	1,9	6,5
5	28	128062	0,079	0,395	7,9	33,4	5	271	183902	0,034	0,168	3,4	9,8
6	18	71754	0,044	0,265	4,4	37,8	6	239	104797	0,019	0,115	1,9	11,7
7	11	256178	0,158	1,106	15,8	53,6	7	209	333819	0,061	0,426	6,1	17,8
8	5	44385	0,027	0,219	2,7	56,3	8	181	121395	0,022	0,177	2,2	20,0
9	2	6573	0,004	0,036	,4	56,7	9	155	13802	0,003	0,023	,3	20,3
10	0	178089	0,110	1,098	11,0	67,7	10	131	413941	0,075	0,755	7,5	27,8
11	1	1621	0,001	0,011	,1	67,8	11	109	9499	0,002	0,019	,2	28,0
12	3	43723	0,027	0,324	2,7	70,5	12	89	149092	0,027	0,326	2,7	30,7
13	7	488	0,000	0,004	,0	70,6	13	72	9240	0,002	0,022	,2	30,9
14	14	142616	0,088	1,231	8,8	79,4	14	56	504242	0,092	1,287	9,2	40,1
15	22	67005	0,041	0,620	4,1	83,5	15	42	257472	0,047	0,704	4,7	44,8
16	33	10269	0,006	0,101	,6	84,1	16	30	61860	0,011	0,180	1,1	45,9
17	45	460	0,000	0,005	,0	84,1	17	20	7675	0,001	0,024	,1	46,0
18	60	11216	0,007	0,125	,7	84,8	18	12	67231	0,012	0,221	1,2	47,3
19	76	225	0,000	0,003	,0	84,9	19	6	3754	0,001	0,013	,1	47,3
20	95	81432	0,050	1,004	5,0	89,9	20	2	556949	0,102	2,031	10,2	57,5
21	115	50140	0,031	0,649	3,1	93,0	21	0	336770	0,061	1,289	6,1	63,6
22	137	2196	0,001	0,030	,1	93,1	22	0	18678	0,003	0,075	,3	64,0
23	162	1365	0,001	0,019	,1	93,2	23	2	6689	0,001	0,028	,1	64,1
24	188	5723	0,004	0,085	,4	93,5	24	6	70949	0,013	0,310	1,3	65,4
25	217	13828	0,009	0,213	,9	94,4	25	13	151704	0,028	0,691	2,8	68,1
26	247	1962	0,001	0,031	,1	94,5	26	21	16043	0,003	0,076	,3	68,4
28	314	21687	0,013	0,374	1,3	95,9	27	31	6507	0,001	0,032	,1	68,6
30	389	21396	0,013	0,396	1,3	97,2	28	43	289488	0,053	1,478	5,3	73,8
31	430	594	0,000	0,011	,0	97,2	29	57	1464	0,000	0,008	,0	73,9
32	472	1124	0,001	0,022	,1	97,3	30	73	402174	0,073	2,200	7,3	81,2
33	516	401	0,000	0,008	,0	97,3	31	91	1179	0,000	0,007	,0	81,2
35	611	13892	0,009	0,300	,9	98,2	32	111	25344	0,005	0,148	,5	81,7

36	662	1285	0,001	0,029	,1	98,2	33	133	1132	0,000	0,007	,0	81,7
40	884	10072	0,006	0,248	,6	98,9	34	157	4196	0,001	0,026	,1	81,8
41	944	511	0,000	0,013	,0	98,9	35	183	187818	0,034	1,198	3,4	85,2
42	1006	3751	0,002	0,097	,2	99,1	36	211	51928	0,009	0,341	,9	86,1
45	1206	1934	0,001	0,054	,1	99,2	37	242	521	0,000	0,004	,0	86,2
48	1423	2434	0,002	0,072	,2	99,4	38	274	5661	0,001	0,039	,1	86,3
49	1500	998	0,001	0,030	,1	99,5	39	308	808	0,000	0,006	,0	86,3
50	1578	712	0,000	0,022	,0	99,5	40	344	230660	0,042	1,682	4,2	90,5
54	1912	226	0,000	0,008	,0	99,5	41	382	1176	0,000	0,009	,0	90,5
56	2091	551	0,000	0,019	,0	99,5	42	422	111787	0,020	0,856	2,0	92,5
60	2473	1553	0,001	0,057	,1	99,6	44	508	16292	0,003	0,131	,3	92,8
63	2780	395	0,000	0,015	,0	99,7	45	554	20607	0,004	0,169	,4	93,2
70	3567	1965	0,001	0,085	,1	99,8	46	602	6046	0,001	0,051	,1	93,3
80	4862	613	0,000	0,030	,0	99,8	47	652	1442	0,000	0,012	,0	93,3
84	5435	222	0,000	0,011	,0	99,8	48	704	44719	0,008	0,391	,8	94,2
90	6356	594	0,000	0,033	,0	99,9	49	759	16827	0,003	0,150	,3	94,5
98	7696	2068	0,001	0,125	,1	100,0	50	815	73673	0,013	0,672	1,3	95,8
Total	50838	1621579		10	100,0		52	933	5471	0,001	0,052	,1	95,9
							53	995	1205	0,000	0,012	,0	95,9
							54	1059	2797	0,001	0,028	,1	96,0
							55	1125	2790	0,001	0,028	,1	96,0
							56	1193	75653	0,014	0,772	1,4	97,4
							57	1263	509	0,000	0,005	,0	97,4
							58	1335	1366	0,000	0,014	,0	97,4
							60	1486	41601	0,008	0,455	,8	98,2
							62	1644	1161	0,000	0,013	,0	98,2
							63	1726	11514	0,002	0,132	,2	98,4
							64	1810	862	0,000	0,010	,0	98,5
							65	1896	946	0,000	0,011	,0	98,5
							66	1984	978	0,000	0,012	,0	98,5
							68	2166	186	0,000	0,002	,0	98,5
							70	2356	44296	0,008	0,565	,8	99,3
							72	2555	3105	0,001	0,041	,1	99,4
							74	2761	244	0,000	0,003	,0	99,4
							75	2867	1941	0,000	0,027	,0	99,4
							77	3085	1243	0,000	0,017	,0	99,4
							78	3197	240	0,000	0,003	,0	99,4
							80	3427	7776	0,001	0,113	,1	99,6
							82	3665	617	0,000	0,009	,0	99,6

84	3912	12414	0,002	0,190	,2	99,8
88	4428	237	0,000	0,004	,0	99,8
90	4698	2326	0,000	0,038	,0	99,8
91	4836	510	0,000	0,008	,0	99,9
94	5262	197	0,000	0,003	,0	99,9
96	5557	1038	0,000	0,018	,0	99,9
98	5859	6711	0,001	0,120	,1	100,0
Total	89844	5485350		21	100,0	